

Leis contra piratas vivem impasse em todo o mundo

Lucas Pretti e Rodrigo Martins

Desequilíbrio é a palavra certa para definir o que ocorre com as questões de pirataria e direitos autorais no mundo.

De um lado, há o interesse das pessoas em ter livre acesso a músicas, jogos e filmes (e a pressão com a troca ilegal de arquivos pela internet). De outro, estão os autores, interessados (ou não) em proteger suas obras audiovisuais. Um terceiro grupo trava a discussão.

São os grandes grupos de mídia, gravadoras e outras empresas de conteúdo, cujo objetivo é até facilitar o acesso das obras ao público, desde que no processo corra dinheiro. Não há lei no mundo que resolva essas três demandas.

A realidade não era essa há 15 anos. Foi a era digital que alterou todo o cenário e fez com que novos hábitos passassem a exigir uma revisão na legislação. O formato de arquivos torrent, a banda larga, a popularização da internet e a criação de tecnologias como o Bluetooth são os responsáveis pelo impasse. Liberar ou não liberar a pirataria? Há um meio-termo?

"Encarar a troca de arquivos do ponto de vista policial é uma discussão falsa trazida à tona por quem tem interesse nisso, como as gravadoras e a indústria do entretenimento", afirma o coordenador de portais do Governo do Estado, Ricardo Kobashi. "É como se encara no mundo todo."

A questão é realmente mundial porque a indústria cultural, hoje, lança produtos globais (filmes, séries, músicas) e porque, com a internet, as barreiras nacionais passaram a não fazer mais sentido. Tanto é que o principal site de torrents, Pirate Bay, está hospedado na Suécia - e "fornece" pirataria para o mundo todo.

Nos EUA, há duas flexibilidades legais que o Brasil ainda não conseguiu - e não sabe se vai - colocar em prática (veja abaixo). Uma é o chamado "fair use" (uso justo), que libera usuários do pagamento de 'direitos autorais' desde que a música, o filme ou outra obra tenha fins educacionais, por exemplo. Outra saída é o conceito de cópia privada. Copiar um CD para o computador e depois para o iPod, nos EUA, já é possível sem levar a pecha de pirata. Afinal, em tese, o CD já foi comprado antes da cópia.

Diante das alternativas, as opiniões são discordantes. O advogado Luiz Henrique Souza, sócio do escritório Patrícia Peck Pinheiro Advogados e que já defendeu grandes empresas em casos de pirataria, acredita que a troca de arquivos em grande escala não é irreversível e que a massa de internautas ainda não ganhou a batalha. "As empresas devem encontrar outra forma de lucrar, mas nunca abrindo mão do direito do autor de receber pelas obras", afirma.

Já o advogado Guilherme Carboni, pós-doutorando na USP em propriedade intelectual, defende a flexibilização desses direitos. "A lei de hoje é extremamente tímida quando fala nessa abertura e não trata de autoria colaborativa, como a Wikipedia e os softwares livres", diz.

Você pode participar do debate pela internet. A reforma da lei está em discussão pelo Ministério da Cultura no site www.cul-tura.gov.br/direito_aural.

INTERNET COMO VILÃ



Por processo das gravadoras, o primeiro serviço de troca de arquivos, o Napster, foi fechado em 2001. Mesmo com processos até para internautas, vários serviços semelhantes surgiram depois.



Em 2003, Madonna espalhou pelas redes P2P faixas fictícias de seu disco *American Life*, onde ela falava: 'Que m... você está fazendo?' Furiosos, internautas fizeram concurso de remixes com a frase.



Com o discurso de 'processar qualquer um que compartilhe arquivos', a indústria fonográfica começa em 2003 o cerco a universidades, como o MIT, pedindo informações sobre os alunos que baixavam.



Em 2007, a Justiça bloqueou o YouTube no Brasil por conta de um vídeo que mostrava Daniella Cicarelli na praia com o namorado. O site ficou um dia inacessível, mas vídeos 'piratas' se espalharam pela web.



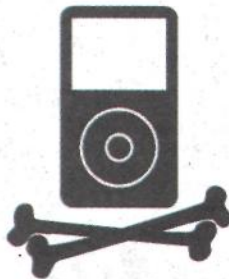
A Indústria fonográfica brasileira acionou em 2008 o Orkut para acabar com comunidades que trocam links para downloads de música. Não deu certo. As comunidades ainda continuam movimentadas.



Depois de vários processos em 2006, o site de buscas de torrents PirateBay – o maior do mundo – foi fechado na Suécia. Entretanto, reabriu com um servidor na Holanda.

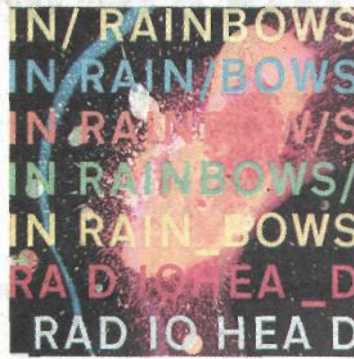


Também em 2006, a Sony obrigou uma loja online chinesa de games, a Lik-Sang, a encerrar suas atividades, por causa da venda de produtos legítimos – e outros nem tanto – fora de seu país de procedência.



Uma aposta para burlar a pirataria, a trava de proteção anticópias (DRM) irritou as pessoas. Em muitos casos, não dava para tocar as músicas no PC, como no CD da Marisa Monte. Está caindo em desuso.

INTERNET COMO ALIADA



Em 2007, o grupo inglês Radiohead permitiu aos internautas escolher o quanto queriam pagar pelo download de seu novo disco *In Rainbows*. Como aposta na rede, ainda permitiu que internautas fizessem vídeos e remixes de suas músicas.



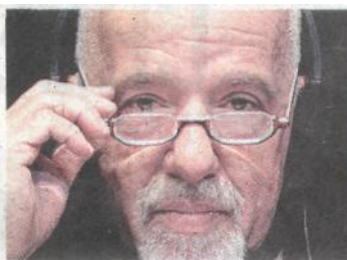
Cansados de lutar contra vídeos postos por fãs no YouTube, o grupo Monty Python criou um canal graça no site. Resultado? As vendas de seus DVDs cresceram 23.000% (sem exagero).



Criadas em 2001, as licenças Creative Commons possibilitam aos artistas terem mais controle da liberdade das suas obras, permitindo, por exemplo, que qualquer um baixe se não for para fins comerciais.



Ao invés de lutar contra o uso individual de suas marcas, Doritos, Coca-Cola e Mentos colocaram na mão dos internautas produção de publicidade. O material espalhou-se de forma viral pelo YouTube.



Paulo Coelho descobriu que a pirataria é uma forma de divulgação. Ele, inclusive, montou um blog, o www.paulocoelhoblog.com, no qual disponibiliza versões 'piratas' de seus livros para baixar.



Pirataria? O grupo Teatro Mágico quer mais que as pessoas baixem mesmo. Famosa no circuito alternativo, a banda não tem gravadora e até vende CDs. Entretanto, nos shows, instiga seu público a baixar no site, 'de graça'.



No Pará, tanto a cena tecnobrega, com DJs que fazem festas gigantescas, quanto a banda Calypso não se preocupam com pirataria e distribuem seus CDs para que camelôs copiem e vendam. O dinheiro vem das apresentações ao vivo.



O grupo Nine Inch Nails liberou músicas para fãs remixarem, criou um 'jogo de realidade alternativa', aderiu ao sistema de pague o quanto (e se) quiser para baixar o CD e foi recordista em vendas na Amazon.

para fins educacionais

A utilização deste ar

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 2 fev. 2009, Link, p. L4-L5 e L8.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais